

ANAIS
VIII REUNIÃO CIENTÍFICA
Sociedade de Arqueologia Brasileira



PORTO ALEGRE
1995

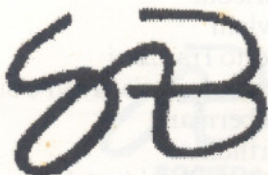


CNPq





ANAIS DA
VIII REUNIÃO CIENTÍFICA DA



**SOCIEDADE
DE ARQUEOLOGIA
BRASILEIRA**

11 A 15 DE SETEMBRO DE 1995
PUCRS



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Chanceler: Dom Altamiro Rossato

Reitor: Ir. Norberto Francisco Rauch

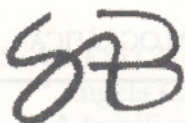
Conselho Editorial: Antoninho Muza Naime
Antonio Mario Pascual Bianchi
Délcia Enricone
Jayme Paviani
Jorge Alberto Franzoni
Luiz Antônio de Assis Brasil e Silva
Regina Zilberman
Telmo Berthold
Urbano Zilles (Presidente)

Diretor da EDIPUCRS: Antoninho Muza Naime

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE/RS
BRASIL
Tel.: (051) 339-1511 Ramal 3323
FAX: (051) 339-1564

ARNO ALVAREZ KERN
(ORG.)

ANAIS DA
VIII REUNIÃO CIENTÍFICA DA



**SOCIEDADE
DE ARQUEOLOGIA
BRASILEIRA**

Coleção Arqueologia 1
VOLUME 2



EDIPUCRS

Porto Alegre
1996

©EDIPUCRS

Capa: José Fernando de Azevedo

Composição e arte: Print Line Assessoria Gráfica

Revisão: do Organizador

Impressão e acabamento: Gráfica EPECÊ

EDIPUCRS

Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33

Caixa Postal 1429

90619-900 PORTO ALEGRE/RS

BRASIL

Tel.: (051) 339-1511 Ramal 3323

FAX: (051) 339-1564

FICHA CATALOGRÁFICA

R444a Reunião Científica da SAB - Sociedade de
Arqueologia Brasileira (8.:1995 : Porto
Alegre)

Anais / 8a. Reunião Científica da SAB -
Sociedade de Arqueologia Brasileira ; org.
Arno Alvarez Kern. -- Porto Alegre:
EDIPUCRS, 1996.

2v. - (Coleção Arqueologia ; 1)

1.Arqueologia - Reuniões 2.Arqueologia
- Brasil - Reuniões I.Kern, Arno Alvarez
II.Título.

C.D.D. 913.03106081

SUMÁRIO

VOLUME 2

- COMUNICAÇÕES -

1. CAÇADORES-COLETORES

- LOREDANA M. RIBEIRO, MÁRCIO ALONSO & EMÍLIO FOGAÇA
Produção e Utilização de Artefatos Líticos: uma reconstituição do espaço ocupado no início do Holoceno na Lapa do Boquete (Minas Gerais - Basil)..... 17
- M.GALINDO, S.VIANA, F.PARENTI, C.GUÉRIN, M.FAURE
Ocupações Pré-Históricas e Megafáuna Pleistocênica do Sertão Pernambucano: A Lagoa da Pedra em Salgueiro - Nota Preliminar..... 31
- SIRLEI ELAINE HOELTZ
As Tradições Umbu e Humaitá - Releitura das Indústrias Líticas das Fases Rio Pardinho e Pinhal Através de um Proposta Alternativa de Investigação..... 47

2. ARTE RUPESTRE

CARLOS XAVIER DE AZEVEDO NETTO <i>A Questão da Teoria Semiótica na Interpretação da Arte Rupestre.....</i>	65
MARCUS VINÍCIUS BEBER <i>A Arte Rupestre do Nordeste do Mato Grosso do Sul.....</i>	77
MARIBEL GIRELLI <i>Lajedos com Gravuras na região de Corumbá, MS.....</i>	93
MARTHA M. DE C. E SILVA & LOREDANA M. RIBEIRO <i>Organização Espacial e Correlação Crono-Estilística na Arte Rupestre de Montalvânia-MG.....</i>	103

3. SÍTIOS LITORÂNEOS

ARNO ALVAREZ KERN <i>As Origens Pré-Históricas do Povoamento de Torres.....</i>	121
DEISE LUCY O. MONTARDO <i>A Questão da Variabilidade das Evidências Funerárias nos Sítios Pré-Coloniais do Litoral Catarinense.....</i>	141
MARIA CRISTINA TENÓRIO <i>Sítio Ilhote do Leste. Reconstituição de Distribuição Espacial. Escavações de 1995.....</i>	151
PAULO TADEU S. ALBUQUERQUE & WALNER B. SPENCER <i>A Ocupação Pré-Histórica do Litoral Nortteriogrândense.....</i>	179

4. HORTICULTORES

ANGELA BUARQUE <i>Uma Aldeia Tupinambá em Morro Grande.....</i>	207
ALCERI LUIZ SCHIAVINI & RHONEDS ALDORA RODRIGUES <i>Sambaquis e Lençóis Conchíferos Naturais do Litoral Sul-Catarinense: Novos Enfoques Interpretativos.....</i>	221
ERIKA MARION R. GONZÁLEZ <i>Os Grupos Ceramistas Pré-Coloniais do Brasil Central: Origens e Desenvolvimento.....</i>	233
EUNICE M.T.P. RESENDE & JULIANA S. CARDOSO <i>Estruturas de Armazenamento Vegetal: Os "Silos" do Vale do Rio Peruaçu (MG).....</i>	249
JOSÉ F. M. VALLS <i>O Gênero Arachis L. (Leguminosae): Importante Fonte de Proteínas na Pré-História Sul-Americana?.....</i>	265
JOSÉ LUIS PEIXOTO <i>A ocupação Tupiguarani na Borda Oeste do Pantanal Sul-Matrossense: Maciço do Urucum.....</i>	281
MÁRCIA ANGELINA ALVES & LILIA CHEUICHE MACHADO <i>Estruturas Arqueológicas e Padrões de Sepultamento do Sítio de Água Limpa, Monte Alto, São Paulo.....</i>	295
PEDRO IGNÁCIO SCHMITZ & ANA LUISA V. BITENCOURT <i>O Sítio Arqueológico do pantano do Sul, SC.....</i>	311

5. ARQUEOLOGIA HISTÓRICA

ANA MARÍA ROCCHIETTI & NELLY DE GRANDIS <i>La Boca del Monje: un sitio recuccional para indios isleros (siglo XVII).....</i>	327
ARTHUR HENRIQUE F. BARCELOS <i>Arqueologia Espacial da Redução de São João Batista: uma proposta teórico-metodológica.....</i>	343
CLÁUDIO BAPTISTA CARLE & ALBERTO T. DE OLIVEIRA <i>O Solar da Travessa Paraíso: Exemplo de Arqueologia Histó- rica no Município de Porto Alegre.....</i>	361
FERNANDA B. TOCCHETTO & ANGELA M. CAPELLETTI <i>Intervenções Arqueológicas em Porto Alegre e o Exemplo de Dois Sítios Históricos na Área Central da Cidade, Rs, Bra- sil.....</i>	381
MARCOS ALBUQUERQUE <i>Situação Crono-Espacial de Unidades Funcionais em Per- nambuco: Uma Abordagem de Pré-Escavação.....</i>	393
MARIZILDA C. CAMPOS <i>Arqueologia Histórica: Casa da Marquesa de Santos.....</i>	409
OSVALDO PAULINO DA SILVA <i>O Levantamento Arqueológico de Sítios de Engenhos na Parte Sul da Ilha de Santa Catarina.....</i>	417

6. ETNO-HISTÓRIA

FRANCISCO S. NOELLI, LÚCIA T. MOTA & FABIÓLA A. SILVA
Pari: Armadilhas de Pesca no Sul do Brasil e a Arqueologia.... 435

GISLENE MONTICELLI
Análise da Memória dos Mbyá-Guarani sobre suas Vasilhas de Cerâmica..... 447

ÍTALA IRENE BASILE BECKER
As Populações Indígenas do Rio Grande do Sul Vistas pela Arqueologia, Pré-História e Etno-História..... 467

IVORI JOSÉ GARLET & ANDRÉ LUIS RAMOS SOARES
Cachimbos Mbya-Guarani: aportes etnográficos para uma arqueologia guarani..... 479

JORGE EREMITES DE OLIVEIRA
Guató: Os Argonautas do Pantanal..... 499

VALÉRIA SOARES DE ASSIS
Um Estudo da Casa Mbya pela Perspectiva Etnoarqueológica..... 519

7. ARQUEOLOGIA E PATRIMÔNIO

ANDRÉA DE SOUZA ZORTÉA
Arqueologia e Pedagogia: Um Intertexto Possível sob a Ótica Interdisciplinar..... 529

CLAUDIA INÊS PARELLADA
Métodos de Prospecção no Programa de Salvamento Arqueológico da Usina Hidrelétrica de Salto Caxias/PR..... 541

GILSON RAMBELLI

<i>A Arqueologia Subaquática e sua Aplicação ao Projeto Arqueológico do baixo Vale do Ribeiro de Iguape (litoral sul paulista).....</i>	561
MARCOS ANDRÉ T. DE SOUZA	
<i>O Sítio do Quincão. Exemplo de um Estudo Interdisciplinar no Projeto de Levantamento e Resgate do patrimônio Histórico-Cultural da Ada pela UEH-Corumbá-Goiás.....</i>	573
NÍVEA LEITE	
<i>O Ensino da Pré-História nas Escolas de 1º e 2º Graus.....</i>	581
ROSICLER SILVA, PAULO MELLO & JULIO RUBIN	
<i>Projeto de Levantamento e Resgate do Patrimônio Arqueológico da Área Diretamente Afetada pela U.H.E. Corumbá - (GO).....</i>	599
VLADIMIR JOSÉ LUFT	
<i>Arqueologia e História: Algumas Considerações a Respeito da Aplicação dos Métodos da História Oral na Identificação de Sítios Arqueológicos.....</i>	607
VLADIMIR LUFT, MÁRCIA AMANTINO & ALFREDO ALBERTINI	
<i>O Programa Arqueológico Puri-Coroado.....</i>	623

ALBUQUERQUE, Marcos & LUCENA, Velada. Situação Crono-Espacial de Unidades Funcionais em Pernambuco: Uma Abordagem de Pré-Escavação. *Coleção Arqueologia*, Porto Alegre, EDIPUCRS, n° 1, v. 2, p. 393-408, 1995-96.

SITUAÇÃO CRONO-ESPACIAL DE UNIDADES FUNCIONAIS EM PERNAMBUCO: UMA ABORDAGEM DE PRÉ-ESCAVAÇÃO.

ALBUQUERQUE, Marcos 1
LUCENA, Velada²

A ação portuguesa durante o processo de ocupação e colonização das terras americanas variou em seus métodos ao longo do tempo e do espaço. Utilizou-se tanto de postos comerciais, militares, religiosos, isolados, voltados à expansão das fronteiras de seus domínios, quanto da implantação de núcleos complexos, de produção ou mesmo de reprodução do sistema europeu na América. Tais variações decorreram sobretudo dos objetivos buscados a cada tempo, e mais, das disponibilidades de seus povoadores, da resistência oferecida pelo sistema americano, das estratégias adotadas pelo sistema português.

Embora diferentes pesquisas tenham sido desenvolvidas visando o entendimento das conseqüências da introdução da cultura portuguesa no Brasil, os estudos relativos ao

¹ Coordenador do Laboratório de Arqueologia da Univ. Federal de Pernambuco

² Pesquisadora da Fundação Joaquim Nabuco.

processo de mudança cultural não se encontram significativamente desenvolvidos.

No Brasil, a etnologia, a história, a antropologia, áreas que tradicionalmente desenvolvem tais estudos, frequentemente abordam questões e momentos distintos: a história buscando sobretudo o entendimento da sociedade colonial, praticamente reduz as sociedades nativas a um patamar comum; a etnografia concentrando-se nas sociedades nativas, em si próprias; a arqueologia, em parte, enfocando as sociedades nativas em termos de sua distribuição espaço-temporal, em parte concentrando-se em sítios históricos da sociedade colonial; alguns estudos ainda, enfocam os contactos entre as sociedades nativas e colonial.

No Brasil, os estudos de aculturação têm envolvido sobretudo a aculturação nativa sob o impacto da sociedade colonial, sobretudo aqueles relacionados à aculturação dirigida, orientada, promovida, por missões religiosas. Poucos estudos têm sido desenvolvidos em termos da aculturação dos representantes das sociedades africanas trazidos para o serviço escravo, ou mesmo da aculturação de europeus. Aculturação de europeus não apenas no sentido de adotar práticas, costumes, técnicas, artefatos de outros grupos culturais, mais ainda de permitir-se ajustar suas práticas, costumes, técnicas, artefatos, às condições diferentes de meio, de ambiente físico e social.

Do ponto de vista da pesquisa arqueológica, um aspecto que atende em parte aos objetivos de entendimento da dinâmica de ajustamento da sociedade colonial às condições locais, refere-se à avaliação dos diferentes níveis de complexidade das unidades funcionais implantadas no Novo Mundo, e sua comparação com aquelas similares européias.

A implantação dos sistemas coloniais nas Américas, traz para a história do continente uma abundante documentação textual que se refere não apenas à sociedade européia transplantada, mas ainda às sociedades nativas ágrafas. Para a grande maioria destas sociedades a memória seria

até então fundamentalmente oral, exceto por manifestações pictóricas, ou para um número muito restrito de sociedades, o início de uma documentação. Entre estas manifestações podem se incluir as gravuras e pinturas tanto rupestres quanto corporal, a "decoração" da cerâmica ou de instrumentos de madeira, as contabilidades dos Estados Mesoamericanos e andinos.

Por outro lado, a documentação textual relativa à fixação de europeus nas Américas, e suas relações com o novo ambiente a ser explorado, freqüentemente apresenta-se fragmentária. Seja por questões de conservação, seja por extravios e danos nos transportes, destruição por fatores naturais, destruições intencionais, enfim toda gama de fatores que atingem de um modo geral a documentação histórica. Fragmentária, ainda, pela própria natureza das informações registradas. A triagem natural dos temas a serem registrados, que não necessariamente representa uma omissão intencional, mas que quase sempre se relaciona com a própria natureza do fato, restringe significativamente o universo das informações registradas na memória escrita.

Pode-se ainda considerar que, o registro documental das novas sociedades americanas representa uma visão unilateral, mesmo quando se refere a assuntos não restritos às sociedades nativas. Às abordagens das sociedades nativas, através da documentação textual, necessariamente representam uma interpretação exercida por elementos da sociedade européia, constituindo-se em uma fonte a ser complementada. Do mesmo modo, a abordagem da própria sociedade colonial abrangida pela documentação textual, não necessariamente atinge a totalidade dos aspectos destas sociedades. Muitas das informações do cotidiano estão contidas, implícita ou explicitamente, na documentação, entretanto outros aspectos do comportamento destas sociedades não chegam ao presente através do registro textual. São freqüentes os casos em que se constata divergências entre estruturas projetadas e a atual configuração. Freqüentemente

as pesquisas arqueológicas têm demonstrado que projetos não foram executados na íntegra, ou que foram feitas alterações, quer de simplificação, quer de ampliação. Observou-se ainda, através de pesquisas arqueológicas, que foram adotadas soluções locais que implicam em alterações dos usos de materiais; fatos constatados na prática, mas que passaram imunes ao registro textual. Deste modo, alguns aspectos das novas relações estabelecidas com o início da colonização européia nas Américas não se encontram ainda suficientemente esclarecidos. São os movimentos de expansão e retração das sociedades, resultantes do contato que se estabeleceu no Novo Mundo, a absorção recíproca de padrões, a velocidade de reprodução dos sistemas europeus nas Américas, as novas formas adquiridas pela nova sociedade americana que se implantava.

A partir do Sec. XIX a gama de fontes de que se utiliza a história tem sido ampliada; tanto à medida que novas formas de registro são utilizadas quanto à medida que novas formas de abordagem ou mesmo novas óticas permitiram considerar-se como "documento histórico" outros elementos da produção humana.

O século XIX incorpora às fontes históricas, elementos significativos: amplia a documentação figurada através da invenção da fotografia e passa a utilizar de modo bem mais sistemático que anteriormente uma classe de documentos mencionada em seu conjunto como "restos". São vestígios de elementos do passado que não foram produzidos visando a transmissão de conhecimento às futuras gerações; nem mesmo à geração coeva. Antes constituíam-se, à sua época, em elementos do cotidiano destas sociedades. Entre eles figuram, do mesmo modo as ruínas de uma cidade, restos de instrumentos, de utensílios, e de quaisquer outros elementos produzidos pelo homem. Mesmo os restos humanos passam a integrar esta classe de documento. A incorporação desta classe de documentos permitiu um significativo avanço no conhecimento da história, sobretudo de povos ágrafos. Entre-

tanto, o interesse pelo estudo tanto de objetos quanto de edificações de um passado mais distante, não foi despertado apenas no sec. XIX. O interesse pela arte clássica, que levou à constituição de grandes coleções de objetos, motivava escavações como as que se desenvolveram a partir de 1748 em Pompéia. Os objetos resgatados eram vistos primordialmente por seu interesse na reconstituição da história da arte. Apenas a partir do sec. XIX desperta-se para uma nova visão de que tais ruínas e objetos poderiam permitir reconstituir-se, ainda que em linhas gerais, parte da história de uma sociedade e de suas relações com outras.

Mesmo em se tratando de sociedades das quais se dispunha de documentação textual, os restos destas sociedades passam a ser vistos não apenas por seu valor estético mas sobretudo por seu valor histórico. Sob esta ótica, não se lhes atribui mais uma mera valorização intrínseca ao objeto, mas busca-se sua inserção no local do achado, sua situação e condições. Embora esta classe de documentos tivesse sido utilizada desde meados do sec. XIX como auxiliar para a reconstituição da história de povos dos quais também se dispunha de documentação textual, é bem mais tardia sua utilização na reconstituição de um passado mais recente. Deste modo, a documentação material não mais fica restrita às "civilizações mortas", passando a ser utilizada na reconstituição do passado de culturas vivas. É sobretudo a partir da segunda metade do sec. XX que se intensificaram os estudos da chamada arqueologia histórica.

Algumas das características da "história ideológica" de Nadel³, associadas às observações referentes a "amnésia coletiva" de Le Goff⁴, instigam o arqueólogo a elaborar algumas considerações acerca do monumento arqueológico, quer

³ NADEL, S. F. *A Black Byzantium: The kingdom of Nupe in Nigeria*. London: Oxford University Press, 1942

⁴ LE GOFF, Jaques. *Memória*. In: *Enciclopédia Einaudi*, vol. 1, *Memória e História*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 1984.

histórico quer pré-histórico. Instigam sobretudo o desempenho do arqueólogo diante da memória social. Um monumento do passado que chegou aos dias atuais intacto, ou sob forma de ruína, constitui-se em um elemento da *memória coletiva* desta sociedade.

Um monumento, um forte por exemplo, constitui-se materialmente em uma realidade do presente para a sociedade atual. Entretanto, inegavelmente, este mesmo monumento traz consigo, desde o período de sua construção, elementos que agregam-se sucessivamente à memória coletiva. Esta agregação de elementos à memória coletiva dá-se através de uma conjugação de processos sociais dos mais diferentes matizes.

Freqüentemente observa-se um conflito explicativo, em relação a um monumento, entre a "história objetiva" e a "história ideológica". Na maioria das vezes, é possível resgatar-se uma documentação textual relativa ao monumento, que permite ao historiador acessar a sua "história objetiva". A confrontação, entretanto, entre esta história e a memória coletiva normalmente entra em rota de colisão em diversos aspectos; é a "memória escrita" conflitando-se com a "memória oral". Muitos dos aspectos relativos à história de um monumento são submetidos a manipulação consciente ou "inconscientes", de forma a proporcionar certos "esquecimentos" da sua história. Por outro lado, o "ato narrativo" que se sucede ao longo das gerações, proporciona uma "releitura" do monumento associando "amnésia coletiva" à confusão da história com o mito. O monumento pois, que poderia ser um testemunho materializado da memória de uma época, passa na maioria das vezes à categoria de epicentro de uma narrativa mítica. Por outro lado, as explicações para um monumento, retidas na memória coletiva, freqüentemente assumem proporções de ficção que desviam a sociedade do entendimento de si própria. Heróis são transformados em vilões, personagens inexistentes são criados, personagens

reais são esquecidos, fatos são distorcidos, a cronologia é muitas vezes desprezada.

Diferentes núcleos de assentamento, de um mesmo sistema cultural apresentam diferentes níveis de complexidade, que refletem o conjunto de funções a que estão relacionados. Do ponto de vista de sua estruturação física, cada assentamento de um dado sistema cultural tende a apresentar diferentes conjuntos de unidades funcionais, de modo que, dependendo de seu nível de complexidade, cada assentamento representa um maior ou menor número de elementos funcionais daquele sistema. Com base nestes conceitos, tem-se que, uma cidade abrange um maior número de funções que um povoado, ou um engenho de açúcar. Isto é, considerando-se nossa própria sociedade, há de se esperar em uma "cidade grande" um maior número de "serviços", de "unidades produtivas" do que aqueles disponíveis nos "pequenos povoados". Esta visão, entretanto, não abrange necessariamente o conceito de que tais assentamentos de maior complexidade representem um maior grau de integração com o sistema cultural, como é defendido por South. Considerando-se que sistemas culturais mais complexos tendem a apresentar níveis de especialização mais definidos, mais específicos, assentamentos de funções diferenciadas, especializados, como no exemplo de um engenho de açúcar, não estão menos integrados ao sistema que uma vila ou um povoado. Diferem, evidentemente, nas funções que desempenham, entretanto tal não representa um afastamento de sua integração com o sistema de modo mais amplo. De fato, pode-se considerar que em termos de seu desempenho funcional, suas unidades de constituição abranjam um menor número de atividades, de serviços, de funções, que aquele exercido no âmbito do conjunto do sistema. Entretanto, a isto não consideramos uma não integração (ou uma baixa integração) ao sistema, mas sim uma função de seu nível de especialização, ou ainda um patamar mais simplificado na representação das diversas expressões da complexidade do sistema cultural.

Ao lidarmos com o sistema colonial português no Brasil, podemos esperar que ao longo de sua implantação tenha sofrido significativas alterações em termos de suas unidades funcionais implantadas. Este aspecto é bastante evidente ao considerarmos que ao longo do tempo variaram significativamente objetivos, estratégias, níveis de interesse, disponibilidade política, e mesmo conhecimento dos recursos locais.

Deste modo, quando um documento textual faz referência a um engenho de açúcar do século XVI, ou a uma vila daquele século, pode-se esperar que cada uma destas unidades apresentassem elementos funcionais distintos. O engenho com sua "casa de purgar", sua moenda, sua fornalha, seus canaviais, seu armazém de encaixotar. À vila, com sua alfândega, sua casa de câmara, sua cadeia, suas lojas, sua área de feira, etc. Por outro lado, ambos os assentamentos deveriam apresentar elementos em comum, tais como os distintos abrigos de senhores, de administradores, de artesãos, de escravos; fontes de água, oficinas e igrejas (capelas, na maioria dos engenhos). Entretanto, a implantação dos diferentes elementos funcionais, seja em uma vila, seja em um engenho, nem sempre se fez a um só tempo. A falta de disponibilidade de recursos, de mão de obra, ou mesmo de vontade política, muitas vezes retardou a implantação de determinados elementos. Os objetivos buscados, as necessidades ditadas seja por tais objetivos, seja por suas relações com o sistema americano nativo, aceleravam ou retardavam a implantação de determinados elementos, como é o caso dos elementos voltados à defesa. Supria-se inicialmente aquilo que era considerado essencial, prioritário.

À análise dos diferentes elementos constantes de um assentamento, contribui para se avaliar os objetivos, as necessidades de cada período, as suas relações com o meio físico e social, seus temores, suas atividades.

De um modo geral, a documentação textual trata de forma abrangente os assentamentos: a vila X ou a vila Y, sem

distinguir, entretanto quais elementos compunham cada uma delas; qual a ordem de implantação de cada um destes elementos; que tipo de tratamento foi dado a cada um deles; suas dimensões absolutas e relativas; a intensidade de uso; a durabilidade ou precariedade das estruturas, suas disposições e relações espaciais. Entretanto, através de uma pesquisa específica, provavelmente se poderá resgatar grande número de informações referentes aos elementos funcionais implantados em cada assentamento, e, deste modo, abrir novas perspectivas para o entendimento do processo de implantação do sistema colonial português no Brasil, e sua transformação no novo sistema americano.

Os problemas, indiscutivelmente, são múltiplos e variados. A complexidade operacional com que se depara o arqueólogo, muitas vezes, impedem ou retardam os resultados. Esta complexidade operacional vivenciada pela arqueologia histórica é oriunda da abordagem multifacetada inerente ao próprio proceder arqueológico.

Inúmeras atividades são desenvolvidas, em arqueologia histórica, em momento anterior às escavações de um sítio arqueológico. Dentre estas atividades poder-se-ia destacar o levantamento de dados textuais, iconográficos e cartográficos. Habitualmente este levantamento direciona-se para a unidade funcional a ser escavada. Como a maioria significativa dos arqueólogos atuais entende que a unidade funcional a ser escavada integra um complexo de relações, busca-se, normalmente, ampliar este levantamento de modo a permitir uma contextualização a mais ampla possível. Esta tarefa nem sempre é fácil e quando indevidamente executada poderá vir a comprometer o resultado final do trabalho de campo. Este comprometimento, inclusive, pode vir a prejudicar o resultado final da escavação, reduzindo-a a uma abordagem fragmentada e desprovida de relações mais amplas. Ou seja, a informação oriunda da arqueologia poderá perder o seu caráter explicativo maior, limitando-se ao sítio escavado.

Embora a arqueologia possua um objeto material similar ao de outras áreas do conhecimento, o seu objeto formal a diferencia das mesmas emprestando-lhe uma maneira própria e única de abordar os seus problemas. À sua abordagem característica, multifacetada e interdisciplinar perfeito enquanto excelência, exige do profissional uma amplitude de conhecimentos e informações. Muitas vezes, uma gama considerável de informações, escapam ao controle do arqueólogo, prejudicando conseqüentemente a sua atuação.

À história, dentre as áreas que apresentam uma zona de sombreamento com a arqueologia histórica, constitui-se em uma fonte de informações que em nenhuma circunstância pode ser negligenciada. Entretanto o arqueólogo, como muitos já afirmaram, é arqueólogo e não historiador - afirmativa que ainda carece de profundas reflexões -, deve utilizar-se destas fontes em seu trabalho interpretativo, mesclando-as com a documentação primária oriunda de sua escavação.

À interpretação textual, característica primordial do proceder histórico, envereda habitualmente por uma vertente que deságua em preocupações diferenciadas das eminentemente arqueológicas. Parece existir uma tênue tendência do historiador para "o que foi feito" enquanto que do arqueólogo para "como foi feito". Óbvio que estas perguntas se complementam. Não necessariamente em ordem direta e seqüencial pois pode-se partir também "do como foi feito" para "o que foi feito", inclusive, em ambos os casos acrescentando-se o "por quem foi feito", "o quando foi feito", o "para quem foi feito", como ainda "que relações o particular mantém com o todo".

O arqueólogo histórico depara-se com um problema que se constitui em sua realidade operacional. Embora em suas preocupações maiores exista o "todo" e suas relações, a sua prática exercita-se em uma unidade funcional isolada. Mesmo que o seu objetivo maior seja a inter-relação com outros trabalhos já executados ou por executar. Nenhum arqueólogo pode escavar simultaneamente o todo dos vestígios materiais de um sistema cultural. À abordagem necessaria-

mente deverá recair em uma unidade funcional. Mesmo para os que se dedicam ao estudo urbano, a cidade não é escavada como um todo, mas sim através de suas unidades funcionais.

A reconstituição e o entendimento de um sistema cultural através da arqueologia é necessariamente lento. O gradual somatório dos resultados das escavações de unidades funcionais apenas permite a reconstituição do sistema estudado em longo prazo. A escavação de uma unidade funcional desconectada de seu contexto impede avanços mais rápidos da arqueologia histórica. O desconhecimento do contexto maior do sistema cultural impede a formulação de questões adequadas que deveriam ser respondidas pela escavação de uma unidade específica. Parece se estar em uma área limítrofe a um raciocínio tautológico. O desconhecimento do todo, impedindo a formulação de questões adequadas para o particular, e a ausência de questões adequadas, durante a escavação do particular, impedindo o conhecimento do todo.

Ocorre, que no caso particular da arqueologia histórica, as informações textuais, oriundas da história, assumem um papel de significativa relevância. A manipulação, entretanto, destas informações não se constitui em tarefa das mais simples para o arqueólogo.

Com o objetivo de acelerar os resultados arqueológicos, direcionando-os para o entendimento do processo de fixação do sistema colonial português no Novo Mundo e particularmente no nordeste do Brasil, elaboramos um projeto que tem como objetivo precípua o fornecimento de informações que preencham, mesmo que temporariamente, as lacunas verificadas. A utilização destas informações permitirão a elaboração de "perguntas" mais objetivas e conseqüentemente deverão atuar como elemento catalisador no processo de entendimento da realidade estudada. Até porquê, o conhecimento da realidade constitui-se em elemento fundamental ao processo de avanço do conhecimento científico.

A estratégia utilizada na elaboração deste projeto objetiva o armazenamento, controle e gerenciamento de dados, relativos aos sistemas europeu e americano, de modo a permitir um substantivo apoio às atividades de pesquisa desenvolvidas pelo Laboratório de Arqueologia. As informações armazenadas podem e devem ser oriundas das mais variadas fontes. Documentos históricos primários, documentos secundários, gravuras, desenhos, cartografia, informações arqueológicas, constituem-se em fontes de alimentação destas referências. Estas informações são armazenadas em um banco de dados que possibilita o seu resgate de forma cruzada e relacional.

A idéia, portanto, é a de se criar uma base de dados que permita ao arqueólogo o acesso rápido e eficiente às informações históricas em fase que anteceda a escavação. Preferencialmente que auxilie o arqueólogo na elaboração do projeto de pesquisa e que permita a formulação de questões objetivas relativas ao entendimento do tema em estudo.

Qualquer trabalho de pesquisa necessariamente passa pela etapa do conhecimento prévio da realidade. Este conhecimento prévio da realidade, em se tratando de arqueologia histórica apresenta um grau de complexidade de tal ordem, que muitas vezes a pesquisa arqueológica perde a dimensão da totalidade relacional e centra-se apenas na unidade funcional escavada.

Considerando que um forte não relaciona-se apenas com outros fortes mas sim com um complexo mais amplo, o mesmo ocorrendo com um engenho ou uma igreja e demais unidades funcionais, parece tornar-se imperioso, ao arqueólogo, relacionar a unidade escavada com sua rede de relações. Este trabalho é indiscutivelmente laborioso e passível de apresentar grandes lacunas em seu todo. Deste modo, como estratégia de abordagem, o projeto que tem como objetivo inicial a plotagem crono-espacial das unidades funcionais dos sistemas colonial português e americano para o estado de Pernambuco. Isto é, objetiva inicialmente o armaze-

namento, controle e gerenciamento de dados, relativos à implantação e de desativação de unidades funcionais dos sistemas europeu e americano. De início serão privilegiados os séculos XVI e XVII. O banco de dados desenvolvido para o sistema de informações, será alimentado com dados relativos às unidades funcionais que integraram àqueles sistemas culturais, atendendo ao corte temporal e espacial definido para esta etapa, independente de sua origem. Portanto, informações textuais, primárias ou secundárias, fontes iconográficas ou cartográficas integram este banco de dados. Procurou-se, nesta primeira aproximação, resgatar ainda informações quanto à fonte da informação, o sistema e subsistema cultural a que remetem, o grupo social, a grande categoria funcional e a categoria da unidade funcional específica. Dentre os dados coletados inclui-se ainda a cronologia da unidade funcional estudada, a sua descrição e a sua localização. Esta localização é obtida inicialmente a partir dos dados de referência histórica e em seguida identificada "in loco". Nesta identificação procede-se o registro das coordenadas obtidas com o auxílio do GPS que em seguida é transferida para mapas específicos.

Deste modo, o projeto buscará, em sua etapa inicial, através de documentação variada, levantar as unidades funcionais que a cada período, compunham diferentes complexos funcionais dos sistemas colonial português e americano, visando alcançar uma aproximação quanto às suas inserções topográficas.

Em um segundo momento, o projeto visa a confrontação dos dados com a cartografia e iconografia, coeva e atual, com vistas ao levantamento de elementos que possam permitir a identificação topológica dos elementos constituintes das unidades funcionais, ou de suas ruínas. Deste modo, o projeto contribuirá para uma melhor compreensão do processo de implantação do sistema colonial português no Brasil, de suas etapas de implantação, de sua velocidade em se impor ao sistema americano, o nível efetivo de reprodução do sistema

português nas Américas, e das novas formas adquiridas pela nova sociedade americana que se implantava.

Do ponto de vista da prática arqueológica de campo, o projeto fornecerá elementos que virão a contribuir para uma visão de conjunto dos elementos funcionais de cada período e das disponibilidades de sua abordagem através de escavações. Utilizamos na montagem do nosso banco de dados o "Access" da Microsoft. Trata-se de um soft interativo e que permite uma significativa flexibilidade quanto às consultas⁵.

À pesquisa arqueológica é de interesse fundamental o conhecimento do rol de elementos que integravam diferentes assentamentos, e sua cronologia de implantação. Considerando-se que a arqueologia utiliza-se fundamentalmente de elementos materiais da cultura, ou melhor, de restos, ou mesmo fragmentos, é de importância primordial a identificação destes elementos. Por outro lado, este processo de identificação tem-se mostrado como um dos pontos de partida para o arqueólogo que pode conduzi-lo às diferentes respostas em sua pesquisa. A questão da identificação para a arqueologia é um problema que tem sido referido por diferentes autores, sobretudo no que concerne a disponibilidade, na grande maioria dos casos, apenas de partes de elementos, de partes de artefatos. A necessidade de identificação do todo a partir de partes exige mais do que uma familiaridade com as formas e funções de artefatos dos contextos culturais em que se trabalha. Exige a identificação concomitante, no interior do sistema cultural, das unidades funcionais a que está relacionado, pois um mesmo fragmento de artefato pode ser diferentemente identificado, em função de suas relações com a unidade funcional a que esteja relacionado.

Este controle crono espacial das unidades funcionais tem nos propiciado uma melhor visão de conjunto, embora

⁵ Como o tempo disponível para esta apresentação não permite um detalhamento maior do processo, terei a maior satisfação de enviar para os interessados o modelo de nossas fichas como também o manual de preenchimento.

que ainda de uma área restrita. Caso práticas análogas venham a ser adotadas por outros colegas, acreditamos que a arqueologia histórica brasileira, ou mesmo americana, possa acelerar a sua velocidade operacional permitindo uma visão de conjunto do processo colonial adotado nas Américas. Atualmente, inclusive, com o advento de recursos como o teleprocessamento, profissionais das mais remotas regiões poderiam acessar simultaneamente os diversos bancos de dados que viessem a ser implantados. Esta perspectiva permitiria sínteses mais objetivas com a redução de tempo e recursos.

Finalizando gostaríamos de reafirmar que a identificação do monumento em fase de pré-escavação, tanto do ponto de vista espacial como cronológico, bem como o conhecimento das unidades funcionais que com ele se relacionaram, que constituíram o complexo, indiscutivelmente permite uma maior visão do conjunto das atividades desenvolvidas no âmbito dos assentamentos coloniais.

Texto disponibilizado pelo site Brasil Arqueológico - Equipe do Laboratório de Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco - <http://www.magmarqueologia.pro.br/>

Conteúdo protegido pela lei de direitos autorais. É permitida a reprodução parcial ou total deste texto, sem alteração de seu conteúdo original, desde que seja citada a fonte e o autor.

COMO CITAR ESTA OBRA:

ALBUQUERQUE, Marcos; LUCENA, Veleda. Situação crono-espacial de unidades funcionais em Pernambuco: uma abordagem de pré-escavação. **Revista de Arqueologia** - Coleção Arqueologia, Porto Alegre, EDIPUCRS, n.1, v.2, 393-407, 1996. Número especial dedicado à VIII reunião Científica da Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB), Porto Alegre, 1995.